

Reflexões sobre a Etnometodologia como a nova forma de pesquisar em enfermagem

María del Pilar Gómez Luján¹
Maria José Coelho²

Gómez L., M del P.; Coelho, M.J. Reflexões sobre a Etnometodologia como a nova forma de pesquisar em enfermagem. Revista Peruana **Enferm. investig. desarro.** 2004, enero–julio 6(1): 76-82.

Este artigo tem por objetivo apresentar as principais idéias, críticas sobre a etnometodologia, mesmo que, reflexionar sobre esta nova corrente sociológica, a fim de reconhecer a importância e compreender sua viabilidade na pesquisa qualitativa na área da saúde e da maneira específica em enfermagem. Neste artigo apresenta-se a etnometodologia como uma possibilidade para estudar como as enfermeiras constroem dia a dia no seu mundo social, o cuidar/cuidado, como elas precisam analisar as experiências humanas construídas dentro da dinâmica da vida cotidiana, nos diferentes campos de atuação social.

Palabras claves: Etnometodologia, Pesquisa qualitativa, Enfermagem.

Introdução

O primeiro contato com a etnometodologia deu-se a partir da leitura de Etnometodologia de Alain Coulon (1995a), considerado como um dos principais críticos e estudiosos desta metodologia.

Respeito a seu origem, a etnometodologia é uma teoria de análise do mundo social que está continuamente fazendo-se. Como estudo de interpretação da situação da ação humana. A etnometodologia é uma corrente da sociologia americana, surgida na Califórnia nos anos 60. A obra apresentada por seu fundador Harold Garfinkel, denominada *Studies in Ethnomethodology* (cf. Coulon, 1995a) é considerada como o marco inicial nesta corrente. Ela provoca uma reviravolta na sociologia tradicional, pois, além da concepção singular da construção social, ataca exatamente a maneira como os dados são recolhidos e tratados.

Para a etnometodologia a abordagem quantitativa que só se preocupa com a entrada e a saída dos dados sem observar o processo como eles serão construídos, não reflete

adequadamente o modo de construção da realidade. O corpus da pesquisa etnometodológica é o conjunto dos etnométodos, isto é, os métodos de que todo indivíduo, erudito ou não, se utiliza para interpretar e pôr em ação na rotina de suas atividades práticas quotidianas a fim de reconhecer seu mundo, tornando-o familiar ao mesmo tempo que o vai construindo.

A palavra etnometodologia significa o estudo dos etnométodos, e não uma metodologia específica da etnologia. Na verdade, a etnometodologia é o estudo dos métodos de que todo indivíduo se utiliza para descrever, interpretar e construir suas ações cotidianas e para lhes dar sentido: comunicar, tomar decisões, raciocinar. Mesmo que, ela analisa los conhecimentos e comportamentos do senso comum em quanto são constituintes necessários de “toda conduta socialmente organizada” (Gauthier, 1998 p.65).

A etnometodologia se propõe a privilegiar as abordagens micros sociais dos fenômenos, dando maior importância à

¹ Enfermeira, Doutora em Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro-Brasil. Professor Titular da Universidad Nacional de Trujillo. E-mail: mpgomez2001@hotmail.com

² Enfermeira, Doutora em Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro-Brasil. Professor Titular da Escola de Enfermagem Anna Nery-UFRJ-Brasil.

compreensão do que à explicação. Enquanto a sociologia tradicional despreza as descrições que os atores/autores fazem dos fatos sociais que os cercam, entendendo que essas descrições são por demais vagas, a etnometodologia valoriza exatamente essas interpretações que passam a ser o objeto essencial da pesquisa. Portanto, o ator passa a ser concebido como autor pois o papel que ele representa não é imposto pela sociedade, mas construído por ele mesmo a partir das interações que agencia no seu dia a dia, no aqui e no agora. Desta maneira, ele não é mais tratado como o ator desprovido da capacidade de julgar. Suas descrições e a compreensão que tem da realidade são em última instância o cerne dos estudos da etnometodologia. O paradigma passa a ser, então, interpretativo e não mais normativo.

Garfinkel tem em Talcott Parsons e Alfred Schütz (criador da fenomenologia social) suas fontes principais. Ao criticar a teoria da ação de Parsons, introduz a noção de que o ator social “não é somente esse incapaz de julgamento que se limitaria a reproduzir - sem ter consciência disso - as normas culturais e sociais que, previamente, teria interiorizado” (Coulon, 1995b:24). Para Parsons (cf. Coulon, 1995b) o ator submete-se às normas sociais que por sua vez determinam suas ações. O ator fica, então, privado de reflexividade e por esta razão seria incapaz de analisar sua relação de dependência a esse conjunto de normas.

Ao invés de considerar a reflexividade como obstáculo, Garfinkel coloca-a como primeira condição para compreender a ordem social. O ator deixa então de ser concebido como se agisse exclusivamente segundo um sistema de normas. Tais normas estão presentes e o influenciam; entretanto, ele interage com elas interpretando-as, ajustando-as e modificando-as.

A partir de e em oposição a Parsons, Garfinkel concebe o ator como sujeito ativo na construção da realidade, introduzindo o conceito de reflexividade. De Schütz incorpora a tese da reciprocidade das perspectivas, ou

seja, para Schütz o mundo social é o mundo da vida cotidiana, intersubjetivo, o mundo das rotinas. Apesar dos indivíduos nunca terem experiências idênticas, pois cada um deles tem um modo próprio de interpretar, eles supõem que sejam idênticas para fins práticos.

O ponto de vista do autor é subjetivo e depende também de sua posição. Entretanto, o fato dos autores não verem a mesma coisa não impede que um conhecimento compartilhado do real seja possível. Os autores utilizam para isso duas estratégias:

1. Trocam de ponto de vista (colocam-se no lugar dos outros);
2. Idealizam que os outros tenham vindo assistir à partida pelas mesmas razões que eles. Esse permanente ajuste permite que as divergências sejam dissipadas e que, por conseguinte, possa surgir uma interação que permite a construção do mundo social.

A terceira fonte da etnometodologia é o interacionismo simbólico. Muitas foram as contribuições do interacionismo à etnometodologia, dentre elas destaco as críticas feitas às pesquisas sociológicas que tentam extrair dados de seu contexto a fim de torná-los objetivos. A utilização de cálculos, tabelas, questionários, escalas de atitudes pode afastar o pesquisador de seu objeto de estudo. Em nome da objetividade, cria-se uma distância tão grande que o pesquisador perde o foco ou dele se distancia.

Para o interacionismo, deve-se em primeiro lugar levar em conta o ponto de vista dos autores sociais, “pois é através do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, que os atores constroem seu mundo social” (Coulon, 1995a:15).

Ao respeito a abordagem etnometodológica vai diferir do neste interacionismo simbólico. As pesquisas interacionistas apóiam-se basicamente na observação participante, chegam mesmo a adotar o modelo do observador completamente “imerso” em seu

campo. O objetivo do pesquisador, nesse quadro, é assumir o papel do ator e ver o mundo de seu ponto de vista. Para o interacionismo é preciso “que o pesquisador seja testemunha do que pretende estudar; caso contrário, seja qual for seu talento de detetive, terá acesso apenas aos ‘resíduos’ da ação social” (Coulon, 1995b:76).

Esta postura acarreta por vezes uma imersão tão grande que o pesquisador se identifica completamente com os membros (se fascina por eles) e passa, assim, a ter uma “atitude natural” diante dos fenômenos.

A Etnometodologia vai diferir da abordagem interacionista exatamente pelo fato de abandonar essa suposta “atitude natural”: “Com efeito para praticar a etnometodologia, devemos adotar um certo estado de espírito, deixarmos-nos penetrar pelo estranhamento das coisas e acontecimentos que nos rodeiam, tentar subtrairmo-nos à força da ‘atitude natural’ que apresenta uma tendência constante para levar a melhor” (Coulon, 1995b:76).

A etnometodologia propõe abandonar a familiaridade que nos prende à relação, “prestando atenção à ameaça epistemológica que consiste em nos identificarmos completamente com os membros” (op. cit. p, 76). A identificação completa com os membros promove uma alienação, ou melhor, a perda do senso crítico necessário para a interpretação e a construção da realidade. O pesquisador, ao mergulhar profundamente no campo, pode-se deixar envolver de tal forma que passa a ter uma “atitude natural” diante dos fenômenos. Essa atitude não permite uma interpretação isenta das visões particulares do pesquisador. O pesquisador deve, então, estar atento para a fascinação que porventura possa surgir no seu trabalho e promover um esforço de estranhamento, para que suas hipóteses não influenciem excessivamente suas conclusões. Há que se encantar pela tese, mas tomar cuidado com o fascínio. O etnometodólogo deve ser um agente duplo: ao lado da cultura empírica e também ao lado da cultura erudita, (op. cit. p, 76).

Os estudos realizados com orientação na fenomenologia social de Schütz, apesar de se assemelharem ao interacionismo simbólico e à etnometodologia, diferem dos trabalhos dos etnometodólogos por realizarem uma abordagem microssociológica que não consegue se articular com uma abordagem macrosociológica. Estes pesquisadores foram acusados de não terem “levado suficientemente em consideração as restrições socioeconômicas e institucionais que pesam sobre o ator” (Coulon, 1995b:92). Além desta crítica foram acusados também de terem sido pouco rigorosos quanto aos métodos qualitativos de pesquisa utilizados e por terem formulado proposições não verificáveis.

Igualmente foram acusados de que suas conclusões estavam alicerçadas em visões pessoais, o que é a própria negação da atividade científica. A etnometodologia privilegia a abordagem micro sem se desvincular do contexto mais envolvente; ao contrário, busca alicerçá-la às visões macro. Observemos as considerações de Coulon (1995b:53): “ Se adotamos deliberadamente uma perspectiva de análise que privilegia o nível micro do fenômeno considerado, não devemos perder de vista que o problema estudado é um fenômeno complexo no qual entram em jogo, como já tem sido mostrado alhures por outros pesquisadores, um grande número de parâmetros habitualmente situados no nível macro - por exemplo, os determinantes econômicos e sociais do sucesso escolar dos indivíduos”.

Os conceitos chave da etnometodologia,

Segundo Jules-Rosette (1986) in Gautier (1998,p. 72) sua prática indica oito aspectos principais que caracterizam o trabalho de Garfinkel e de seus colegas, ai, entre eles, encontramos: As práticas de ação socializadas, a indexicalidade, a reflexibilidade, a descritibilidade, a filiação como membro do grupo, a contextualidade, a competência única, a direção da cena da ação social. Estes elementos constituintes caracterizam-se por que se relacionam entre si, estando implicados no processo da pesquisa,

permitindo distinguir a etnometodologia das outras formas sociológicas compreensivas.

Merece destaque os seguintes elementos etnometodológicos:

1. As práticas de ação socializadas

Para a etnometodologia, a realidade social é construída na prática do dia a dia pelos autores sociais em interação; não é um dado preexistente. As mudanças macro se dão a partir das operações micro.

2. A indexicalidade

O conhecimento das circunstâncias dos enunciados nos permite atribuir um

sentido mais preciso às palavras. As expressões que os autores sociais em interação utilizam estão carregadas dessas características indiciais, ou seja, as expressões utilizadas pelos autores ganham significados a partir do conhecimento do contexto local onde elas são produzidas. A indicialidade é assim essa incompletude que toda palavra possui. Ela precisa estar situada num contexto específico para revestir-se de significado. Desta forma, o pesquisador não deve tentar substituir essas expressões indiciais por expressões supostamente objetivas, mas sim mergulhar no contexto para melhor compreender o processo de construção que os autores realizam para construir tais expressões.

3. A reflexividade

A reflexividade designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social, isto é, o autor, no decorrer de suas atividades ordinárias, descreve a sociedade em que vive e ao mesmo tempo a constrói. Reflexividade não significa, segundo Coulon, reflexão. Os autores não têm consciência do caráter reflexivo de suas ações nas suas interações quotidianas, ou seja, eles não prestam atenção ao fato de que ao falarem descrevem e ao mesmo tempo constroem a realidade. Segundo Garfinkel (citado por Coulon, 1995a:41), eles não se preocupam em teorizar: “Consideram essa reflexividade como algo evidente. Mas reconhecem, demonstram e

tornam observável a cada um dos membros o caráter racional de suas práticas concretas - o que significa ocasionais - embora considerando essa reflexividade como uma condição inalterável e inevitável de suas pesquisas”. Assim, para Coulon os autores têm essa capacidade de reflexividade, ou seja, conseguem refletir o mundo que os cerca. Entretanto, a capacidade de reflexão não lhes é inerente.

4. A descritibilidade (accountability)

Os relatos são informativos ou estruturantes da situação de enunciação. A

describibilidade está ligada à noção de reflexividade. Refere-se à propriedade das descrições que os autores fazem da realidade, a partir da reflexividade, no sentido de que mostra sem cessar a constituição dessa realidade. Em outras palavras, a relatibilidade não é a descrição pura e simples da realidade enquanto pré-constituída, “mas enquanto essa descrição em se realizando, ‘fabrica’ o mundo, o constrói” (Coulon, 1995a:46). Assim, os autores relatam o processo que fabrica a realidade, tornando compreensíveis as suas ações pela revelação a outrem dos processos pelos quais a relatam. “A propriedade dessas descrições não é a de descrever o mundo, mas de lhes mostrar sem cessar a constituição”. (Coulon, 1995a:46).

A reflexividade é, portanto, a capacidade que o indivíduo tem para descrever e construir a realidade, e a relatibilidade é a materialização dessa capacidade. Através dos relatos percebemos a reflexividade dos indivíduos.

5. A filiação como membro do grupo,

Membro é a “pessoa dotada de um conjunto de procedimentos, métodos, atividades, savoir-faire, que a tornam capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a rodeia” (Coulon, 1995b:159). Entretanto, os autores buscam padrões para se fazerem entender e essa pessoa que inicialmente poderia não ser considerada

membro poderá vir a sê-lo, sendo a linguagem um dos mais confiáveis indícios de tal pertencimento. Assim, a posição de membro, segundo Coulon (1995b:161), só é adquirida “no momento em que chegamos, sem demasiada dificuldade, a um acordo sobre a significação de nossas ações, apesar da infinita indicialidade das trocas conversacionais e das situações sociais”. Logo, membro é aquele que possui o que Coulon denomina de domínio da linguagem natural. Esta linguagem denota a competência que o autor tem para descrever e construir o mundo que o cerca, para interagir naturalmente com os membros de seu grupo. A partir daí, constatar se ele sintetiza as idéias do grupo e se é o elemento que, além da reflexividade, consegue promover uma reflexão sobre a construção da realidade.

Adotando o método com um olhar diferente na área de enfermagem

Segundo Sousa (Gautier,1998 p. 81) a primeira tentativa de usar o referencial etnometológico em uma pesquisa de enfermagem, foi em 1997 na pesquisa de Fátima Helena do Espírito Santo, na Escola de Enfermagem Anna Nery, no Rio de Janeiro, Brasil. Os objetivos desta pesquisa foram descrever as interações entre professoras e estudantes identificando os métodos utilizados por elas para interpretar e conduzir suas ações no contexto do ensinar/aprender Enfermagem; analisar esses métodos em relação à construção de identidade profissional da enfermeira durante o curso de graduação. Os resultados das informações coletadas e tratados foram descritos a partir da etnometodologia. A pesquisadora deu maior ênfase aos elementos da prática sócia e a contextualidade, permitindo conhecer os métodos utilizados por professoras e estudantes em suas interações para interpretar e conduzir as suas ações no dia-a-dia do ensino e analisar suas relações com a construção da identidade profissional da enfermeira.

Entre outras pesquisas realizadas com este abordagem, que merecem destacar, foi a pesquisa de Coelho (1997), Titulada

Cuidar/cuidado em enfermagem de Emergência: Especificidade e aspectos distintivos no Cotidiano assistencial. A pesquisadora caracterizou o cuidar em enfermagem, nas situações de emergência, descritos a especificidade e os tipos de cuidar em emergência e conceituados o cuidar/cuidado de enfermagem em Emergência. O caminho escolhido e trilhado desta pesquisa foi o da etnometodologia com os conceitos de prática, indicialidade, reflexividade, describibilidade e membro participe. Este abordagem possibilitou identificar o cuidar/cuidados desde a vivência do cotidiano das enfermeiras em unidade de emergência, assim mesmo, permitiram a descrição de práticas, emergindo quatorze formas de cuidar na emergência, tais como: cuidar de alerta, guerra, contingencial, contínuo, dinâmico, expressivo, anônimo, multifaces, do que se encontra margem social, população de rua, mural, perto/distante, corpo(semi)morto, dos profissionais do cuidado.

O interessante também neste estudo com cunho etnometológico, segundo a experiência da autora, é que este abordagem permitiu-lhe penetrar no mundo cotidiano da enfermagem na emergência e verificar que ele é um espaço em que os cuidados são diferentes. Decidir-se pela etnometodologia nesta pesquisa, permitiu compreender como é que os indivíduos vêem, descrevem e propõem em conjunto, uma definição da situação. O outro caminho trilhado foi o da análise microsocial dos acontecimentos diários comuns na unidade de emergência, o método proporcionou caracterizar o cuidar em diferentes momentos e circunstâncias, Coelho (1997, pág 13).

Entre outras pesquisas de enfermagem que privilegia o espaço microsocial na Unidade de emergência, foi o trabalho : “O cotidiano em emergência :O olhar da equipe de enfermagem para o cuidar e a tessitura dos cuidados”, Santos (1999), cujo método de estudo foi a etnometodologia, teve como projeto científico analisar os procedimentos

que as pessoas usavam para executar as suas atividades cotidianas, possibilitando identificar o cuidar realizado no cotidiano da enfermagem em emergência.

A pesquisa de Santoro (2000), “ O cuidado de enfermagem na unidade coronária: Um ensaio sobre a dimensão da subjetividade no cuidar”. foi realizado através de uma abordagem etnometodológico, que permitiu descrever e interpretar as ações e fazer as correlações entre achados objetivos e subjetivos envolvidos no cuidado prestado pela enfermeira e sua equipe, durante o seu cotidiano na Unidade Coronária. Os conceitos etnometodológicos aplicados pela autora durante a coleta de informações, utilizando as técnicas de observação participante e as entrevistas, foram: prática cotidiana, indexicalidade, reflexibilidade, filiação e noção de membro do grupo e descritibilidade

Ao respeito, Teixeira (2000, p 110) assinala que a subjetividade no cuidar de enfermagem propicia estudar as tecnologias do cuidado e abre margem para outras tecnologias, mais criativas e próximas a nosso cotidiano, que trabalham com os sentidos, com as imagens e com as encenações e são os diversos métodos qualitativos, primordiais na pesquisa em subjetividade pois eles permitem analisar de maneira mais apurada os conteúdos subjetivos.

Nesta ótica qualitativa, escolher a etnometodologia nas pesquisas, na área de enfermagem, segundo Porto (Gautier, 1998) é um desafio importante, tanto mais por que na enfermagem ela significa uma apropriação e um acréscimo de outra forma de ver a realidade, que, embora seja relativamente conhecida, não o é nessa área. Mesmo que, o processo de compreender como se faz uma pesquisa com a abordagem da etnometodologia demanda análises e reflexões intensivas que, implicam um grande esforço intelectual.

Optar pela etnometodologia em enfermagem resulta interessante é inestimável a aplicação de seus conceitos, de maneira

especial o conceito central a reflexibilidade, que indica a possibilidade de os atores refletirem sobre as próprias regras que produzem espontaneamente.

De acordo com a etnometodologia na área de enfermagem é fundamentais o papel das enfermeiras e sua equipe, no cuidado dos clientes, o papel da professora e a aluna de enfermagem, elas são atores na construção do mundo social em que vivem e que podem ser desvendado através da análise dos etnometodos, que são os procedimentos que as enfermeiras e a equipe de enfermagem, que a professora e aluna de enfermagem utilizam para produzir e reconhecer seu mundo. A relação entre ator e situação é produzida por processos de interpretação, passa do paradigma normativo para o paradigma interpretativo. Neste sentido, a etnometodologia nós permite um novo olhar para as situações vividas cotidianamente pelas enfermeiras, tanto na assistência, quanto na educação e em outras áreas de desenvolvimento profissional.

Neste sentido, considerando a complexa vida social contemporânea, enfermagem precisa fazer uma aproximação diferente da construção teórica, modificação dos métodos e das técnicas de produção e da análise dos dados, adotar uma abordagem compatível com a mudança e a interação que caracterizam a vida social, sendo na pesquisa qualitativa, a etnometodologia uma opção adequada.

Referências bibliográficas

- Berdardinlli, L. Márcia. A (im)posição silenciosa no cotidiano da enfermagem preceptora -Rio de Janeiro, RJ -1998 dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio de Janeiro- Universidade Federal do Piauí, Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro, 1998
- Coelho, M J. Cuidar/ cuidado em enfermagem de emergência: especialidade e aspectos distintivos no cotidiano assistencial, 1997, 173f.. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Coulon, A. Etnometodologia. Petrópolis, RJ:Vozes. (1995a).

_____. Etnometodologia e educação. Petrópolis, RJ: Vozes. (1995b).

Garfinkel, H. (1992). *Studies in ethnomethodology*. New York: Blackwell Pub.

Heaguette, T. Maria. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 6a ed. Petrópolis: Vozes, 1999

Furtado de V, MdaG. A dimensão Humana nas infecções hospitalares, influencia das interações sociais entre profissionais de enfermagem

Santoro, D.C. O cuidado de enfermagem na Unidade Coronaria: Um ensaio sobre a dimensão da subjetividade no cuidar. Rio de Janeiro, 2000, 170f. Tese (Doutorado em Enfermagem) -Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal de Rio de Janeiro.

Santos, A.M.R. dos. O cotidiano em emergência: o olhar da equipe de enfermagem para o cuidar e a tessitura dos cuidados. 1999. 160f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - , Escola de Enfermagem Anna Nery. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Santos, L. Sousa, de et al Etnometodologia: uma teoria do social na pesquisa qualitativa. (in) Gauthier, J. H. M. et al. *Pesquisa em enfermagem: novas metodologias aplicadas*. Rio de Janeiro: Guarabara Koogan, 1998.